



# PAULISTA





## CANTINHO DA RECORDAÇÃO

dos: Peixinho, Jonas, Gino Orlando, Gonçalo e Canhoteiro. De pé o mordomo Matheus Serroni. Desse time três já faleceram: Jonas, Canhoteiro e Serroni. Em baixo o onze do São Paulo que lutou contra o Nacional, de Montevideu, superando o seu oponente por 3 a 0, no dia 9 de outubro de 1960, com gols de Gino (2) e Canhoteiro, «reforçado» por Djalma Santos, Julinho e Almir, então no Corinthians. De pé da esquerda para a direita vemos, Djalma Santos, José Poy, Fernando Satiro, Gildésio, Riberto e Vitor; agachados: Julinho, Almir, Gino, Gonçalo e Canhoteiro.

Este foi o onze (King e Orozinho) estão à frente, que durante os anos de 1940 e 1941, defendeu a jaqueta do «Mais Querido». À direita as equipes que defenderam o tricolor quando da inauguração (parcial) do gigantesco estádio são-paulino. No primeiro plano o onze que no dia 2 de outubro de 1960, enfrentou o Sporting, de Portugal, com um gol de Peixinho, logrou um feito espetacular. Da esquerda para a direita vemos, de pé, Ademar, José Poy, Gildésio, Fernando Satiro, Riberto e Vitor; agacha-



## PAULISTÃO

São Paulo — Ano 1 — N° 5 — 1980  
Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01/00/011/79  
Secretaria da Receita Federal  
Processo do Ministério da Fazenda  
n. 0168-51.372/79

DIRETOR RESPONSÁVEL

**WALTER LACERDA**

COLABORADORES

Oscar Hamleto Meliante

Oswaldo Bentini

Severino Pereira Junior

Mario Andrade

Levi Silva

Mariovaldo Souza Mineiro

REDAÇÃO

Praça Roberto Gomes Pedroza 8 - Morumbi - São Paulo

# O NOVO SÃO PAULO ENTUSIASMA SUA TORCIDA COMO NOS VELHOS TEMPOS

O «novo» São Paulo começou 80 da melhor maneira possível. Primeiro aquele empate contra o Flamengo, tricampeão carioca, em pleno Morumbi, mas com o onze dirigido por Carlos Alberto Silva mostrando um excelente futebol. Depois, na estréia de Chicão, defendendo o Atlético Mineiro, lá em Belo Horizonte, uma conduta destacada do quadro, impondo um empate ao famoso «Galo» e deixando a torcida ansiosa para rever o time no segundo jogo, no Morumbi, quando o garoto Renato, contratado por 12 milhões de cruzeiros, junto ao Guarani, de Campinas, fez a sua estréia. Foi nesse encontro que o alto comando são-paulino sentiu uma coisa muito importante: o comportamento da torcida. Frustrada por ver o quadro caminhando de maneira irregular no certame paulista de 1979 e no próprio Campeonato Brasileiro, sentiram os torcedores que era preciso «sacudir» o elenco, buscando novos e bons elementos. As vindas de Neu, um excelente zagueiro central; Ailton Lira, um extraordinário meio campista; Paulo Cesar, um ponta de excelentes predicados; Assis, verdadeiro «coringa» do time; Renato, uma das maiores promessas do futebol brasileiro e posteriormente Gassem, transformaram inteiramente o «panorama» até então sentido nas várias dependências do próprio são-paulino.

Aqueles lugares anteriormente vazios e chegando a provocar desolação, estavam cheios de torcedores, cada um drapejando sua bandeira e querendo ver «o time mostrar serviço». Por isso, a vitória contra o Atlético Mineiro, na segunda partida entre os dois clubes, no Morumbi, fez a torcida do São Paulo sorrir de alegria, pois a primeira vitória de 80, lá estava estampada no marcador eletrônico, atestando a capacidade do novo time são-paulino que deixava para trás todos os aborrecimentos tidos pela torcida durante largo tempo. Em seguida o encontro com o Internacional, de Porto Alegre, um tropeço do «Mais querido» mas que não afetou o time. A esperança do crescimento do

conjunto e uma boa campanha no Certame Brasileiro continua de pé e a semente da renovação do elenco, está dando excelentes frutos. Em apenas dois jogos, o São Paulo conseguira arrecadar mais do que o fizera em 15 partidas do Campeonato Paulista de 1979.

Ficou, então, patente uma coisa: o clube estava começando a ter o retorno de tudo aquilo que havia gasto com os novos valores contratados. Se isso não bastasse é preciso lembrar os atletas negociados com outras agremiações, principalmente para os Estados Unidos que permitiram ao clube arrecadar excelente soma em dólares.



Renato em ação mostrando muita garra e coragem

Fortalecendo a retaguarda; dando vitalidade ao meio de campo e tornando o ataque agressivo e perigoso, o São Paulo começou a reconquistar sua torcida que estava deixando os estádios e a promessa de um 80 melhor para o conjunto do tricolor, ficou estampada nos olhos de todos os torcedores que prestigiaram os primeiros jogos, sentido que o clube iniciava uma década da melhor maneira possível.

## RENATO CONFIRMOU

Já tivemos oportunidade de abordar as condutas de Nei, de Ailton Lira, do garoto Paulo Cesar, desse extraordinário Assis. Faltava, no entanto, o «cartão de visita» de Renato, um garoto que, segundo o técnico Carlos Alberto Silva, então no Guarani (e agora também no São Paulo) quando o viu em ação pela primeira vez teve uma frase que, se confirmada, ainda dará grandes alegrias à torcida são-paulina:

— Pelé, o grande astro do futebol brasileiro, tornou a cidade de Três Corações, famosa no mundo inteiro. Esse garoto, Renato, de uma localidade modesta do interior de São Paulo, vai tornar também Morungaba famosa em todo o Globo.

Tais palavras revelam a confiança do treinador são-paulino que, informado no dia da assinatura do seu compromisso com o tricolor sobre a vinda de Renato também para o São Paulo quase não acreditou e disse ser «bom demais um fato daqueles para começar com o pé direito dentro do seu novo clube».

Um garotão, ainda. Moço correto, decente e com grande vontade de vencer dentro da sua carreira, Renato na partida estréia, diante do Galo, mostrou as virtudes que a torcida do São Paulo pretendia ver: vontade, garra, disposição e agressividade. Com aquele seu jeito de «caipira», mas sabendo perfeitamente o que deseja Renato comentou:

— «Sabe. Não Joguei nem sessenta por cento de tudo aquilo que posso e sei. Tinha feito apenas um treino coletivo e estava participan-



**Renato teve uma brilhante estréia no São Paulo e demonstrou que pode evoluir muito mais. Deu outra agressividade à linha de frente do «Mais Querido»**

do dos treinamentos apenas há uma semana. Vinha de um período de férias e de dois jogos onde defendendo a jaqueta do Guarani, dera tudo para ver se conseguíamos superar a Ponte Preta. Em seguida, enfrentando um treinamento dos mais intensos e pesados, confesso ter 'arriado' um pouco no segundo tempo, deixando de produzir de acordo com minhas reais possibilidades. Aliás, o 'seu' Carlos Alberto, que me conhece desde os tempos do Guarani, sabia perfeitamente disso e compreendeu minha situação. Daí o 'cansaço' que acusei no segundo período do encontro.

Estranhou o ambiente?

— «De jeito algum. Primeiro pelo fato de estar trabalhando sob as ordens de meu antigo técnico lá no Guarani. Segundo porque o ambiente no São Paulo é espetacular. Os companheiros «se ligam» nas jogadas. Como conheço bem a forma do Ailton Lira que é bastante semelhante a de Zenon, principalmente nos lançamentos, procuro colocar-me no espaço vazio para receber as bolas em profundidade e partir para o campo 'inimigo' procurando apanhar a defesa adversária inteiramente aberta. Não deu certo contra o Atlético porque Chicão que conhece minha maneira de jogar preveniu os defensores do clube mineiro. Diante do Internacional, mais à vontade, consegui apresentar melhor futebol. Acho que a adaptação depende apenas mais de jogos do que propriamente pela capacidade de cada um dos defensores do São Paulo».

Qual o jeito que prefere para jogar? Atrás ou na frente?

— «Para mim não há preferência. Atuo de acordo com a orientação do técnico. Às vezes é preciso recuar para auxiliar a defesa ou proteger os companheiros em instantes em que o adversário desce de maneira perigosa. Aliás, diante do Atlético e do próprio Internacional, duas ou três vezes estava lá dentro da área procurando afastar o perigo. Também sei escapar pelo campo adversário quando o lançamento vem lá de trás. Com os ponteiros rápidos e perigosos do tricolor, vai ser difícil para as defesas adversárias suportarem o 'train' de jogo que o São Paulo, no futuro poderá impor a todos os adversários».

Depois Renato ainda adiantou:  
 — «Olhe o Edu, por exemplo. Dizem que ele está «velho» e acabado. Quem, porém, o acompanha quando ele liga 'as duas turbinas'? Paulo Cesar também é forte e impetuoso. Sabe controlar, deslocando-se com facilidade e chegando sempre perigosamente até a meta adversária. Na esquerda há o Zé Sérgio, dentro do meu modesto ponto-de-vista, um dos melhores pontas do futebol brasileiro. Sai com facilidade pela esquerda ou pelo meio e isso confunde sempre qualquer marcador. Com Serginho ou Assis ali pelo comando, as coisas ficam sempre mais fáceis para o meia.

Qualquer um deles — acentuou Renato — impõe respeito ao sistema defensivo adversário. A questão de Serginho, no começo deste ano foi uma só: ele precisava deslanchar contra as redes. Homem-gol que não marca começa a pretender chegar às redes adversárias e quanto mais insiste menos o gol pinta. É, no entanto, um dos maiores avantes existentes no futebol brasileiro. Assis, um verdadeiro «coringa» adapta-se da melhor maneira no centro, na esquerda ou vindo lá de trás, garantindo um perfeito equilíbrio na linha de frente. Não deixa nunca um homem brigar sozinho lá na frente, como acontece com a maioria dos centro-avantes. Por isso, quando ele entra, pelo alto ou chutando de esquerda, que é o seu forte, o arqueiro adversário tem que estar sempre prevenido, pois Assis é um perigo para qualquer defesa.

E sobre você? O que pode dizer de novidade para a torcida?

— «Só peço um pouco de paciência. Deixem primeiro conhecer bem os meus companheiros no terreno de jogo. Já conhecia todos eles, mas jogando contra. Uma coisa é estar do outro lado e outra junto. Por isso, na hora em que Ailton Lira ajeitar a bola com a esquerda, já sei em que posição devo colocarme no terreno de jogo. No momento em que Zé Sérgio, Paulo Cesar, Assis ou Serginho, para não mencionar Edu ou Paulo Cesar, 'fugir' por um lado, estarei sempre acompanhando do outro, pois é nas 'sobras' que a gente acaba aproveitando sempre o 'melhor do banquete'...»



**Assis fez dois golaços no time do Atlético. Ambos, por sinal, de cabeça. Um no Mineirão e outro no Morumbi**



**Ailton Lira deu o «balanço» que o quadro são-paulino precisava no meio do campo. Provou que é um craque e que foi uma grande aquisição do tricolor do Morumbi**

## CORINTHIANS: UM TÍTULO GANHO NA JUSTIÇA E NO CAMPO DE JOGO



O time que disputou a terceira partida contra a Ponte Preta de Campinas, quando conquistou o título de Campeão Paulista de 79. Da esquerda para a direita, de pé, vemos: Jairo, Mauro, Luís Cláudio, Amaral, Caçapava e Romeu; Piter, Biro Biro, Palhinha, Sócrates, e Vladimir.

## UMA DEFESA DE FERRO E UM ATAQUE COM UMA DUPLA DE HOMENS DE OURO

Não se pode, com apenas duas palavras, escrever: Corinthians, Campeão. Atrás desse título do Certame Paulista de 1979, há uma história muito semelhante a um filme de ficção. Briga na justiça, de bastidores, política, com um adiamento bastante prejudicial ao time do Palmeiras, cuja conduta no campeonato foi pontificada de feitos brilhantes e expressivos. A irredutibilidade do presidente Vicente Mathus, recusando-se a ver o seu clube participar de uma rodada dupla; a intransigência do presidente da FPF, deputado Abi Chedid, obrigando aquele filiado a participar da competição e um julgamento pré-fabricado pelo Tribunal de Justiça Desportiva, poderiam arrastar a disputa do título de 1980 por um longo período, se não tivesse havido o envolvimento oportuno do presidente da FIFA, João Havelange. Graças as gestões desenvolvidas por este desportista, tornou-se possível a realização dos jogos finais.

E durante todo este tempo algo de anormal ocorreu? Sim. O Palmeiras cuja conduta no terreno de jogo vinha sendo verdadeiramente espetacular, ficou

abalado com a perda de dois títulos seguidos: a desclassificação da Taça «Libertadores da América» e um surpreendente revés diante do Internacional de Porto Alegre, em pleno Morumbi, após um espetacular triunfo sobre o Flamengo em pleno Maracanã. Se isto não bastasse o seu grande motor (o garoto Jorginho) foi convocado para defender a Seleção Pré-Olímpica do Brasil. Seu substituto não cumpriu com eficiência as exigências técnicas e o alviverde acabou perdendo o seu «embalo».

Paralelamente ocorria um fenômeno diferente com o Corinthians. Embora o quadro tivesse chegado até as finais do Paulistão, a torcida não confiava no desempenho do elenco. Um quadro sem padrão, com uma defesa vulnerável; meio de campo dispersivo e um ataque inoperante. Vivia do origênio que a sua extraordinária torcida lhe dava nos instantes em que o quadro começava a arriar. Por este motivo, o extécnico José de Souza Teixeira foi dispensado de suas funções e o clube do Parque São Jorge contratou o experiente Jorge Vieira.



Quando Sócrates fez o primeiro gol do Corinthians, na luta final formou-se a pirâmide humana sobre o destacado atleta, para a comemoração de um título que, àquela altura dos acontecimentos, já se sabia ser do alvinegro do Parque São Jorge



A magnífica taça para o Campeão e também para o Vice de 79. Elas desfilaram pelas ruas de São Paulo antes e depois da grande conquista. Quando o árbitro deu a partida por encerrada aí começou o grande carnaval da vitória do Corinthians. A Ponte Preta soube cair honrosamente

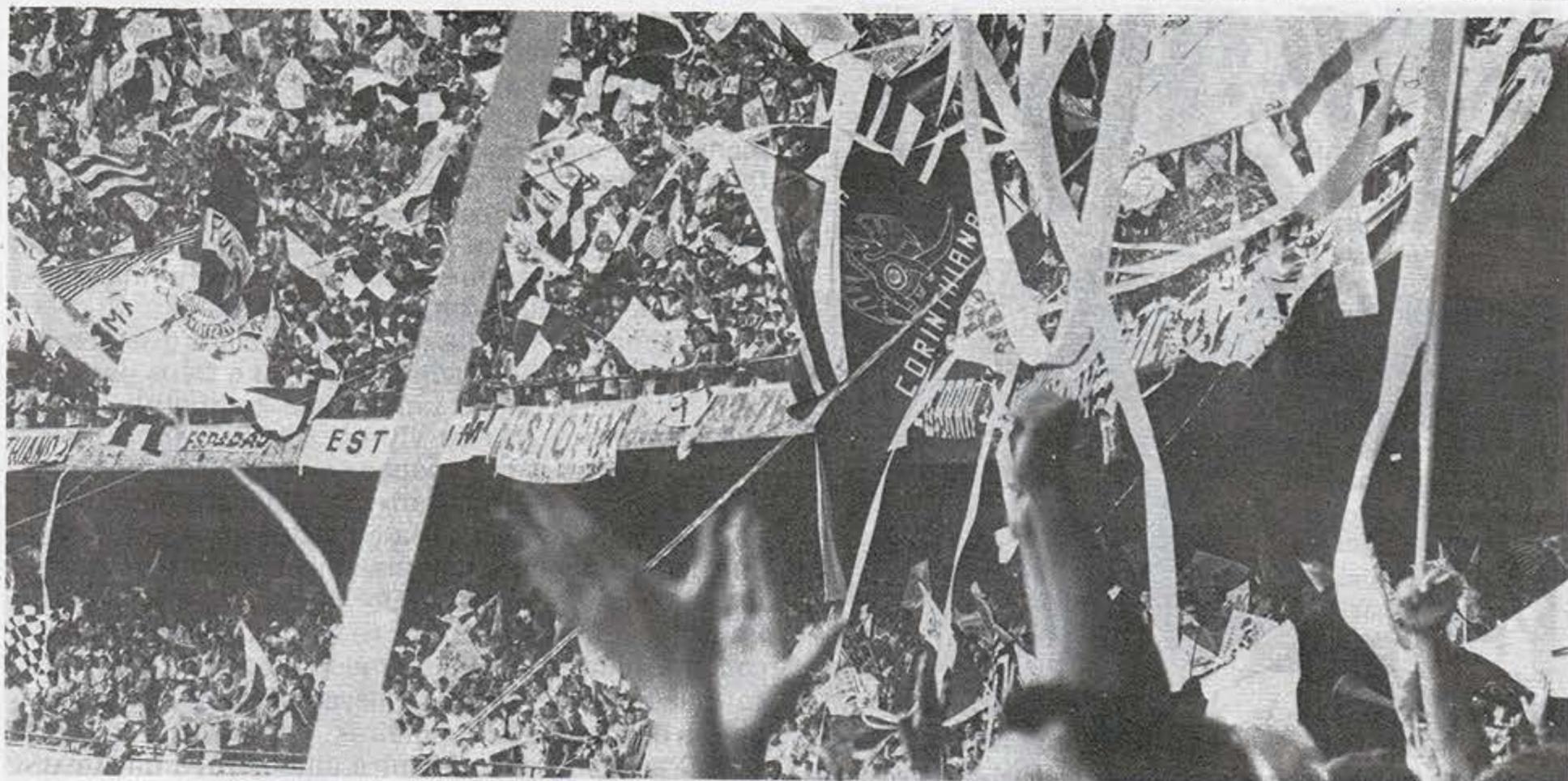
Foi exatamente nesse período de «briga na justiça», em virtude da rodada dupla que o Corinthians não aceitou, que as coisas se transformaram inteiramente. O Palmeiras «perdeu o embalo» e o Corinthians foi ganhando estrutura. Mexendo nas peças, como um bom mestre de xadrez executa as grandes jogadas, Jorge Vieira foi ajustando primeiro a defesa. Depois «consertou» o meio de campo e finalmente colocou o ataque pronto para funcionar.

O time onde se via de maneira clara que prevalecia o «slogan» de «cada um para si e Deus para todos», acabou jogando um futebol competitivo. E a sua primeira e grande vítima acabou sendo justamente o Palmeiras. O «papão» que levou Ponte Preta e Corinthians a «brigarem» na Justiça e nos Tribunais Esportivos, pois seria o perdedor de um destes que caberia tendo a dolorosa incumbência de medir forças com o Palmeiras. Em na reta da chegada do Paulistão-79, todos sabiam (e nem precisava ser torcedor do alviverde) que o time mais cotado para vencer qualquer barreira que fosse colocada à sua frente, era exatamente o Palmeiras.

O primeiro choque entre ambos teve um resultado surpreendente. A torcida sabia da melhoria técnica do Corinthians. Todavia, não acreditava em decréscimo de produção do Palmeiras. Por isso, quando o marcador do Morumbi acusou o empate de um ponto final de noventa minutos dramáticos, com um gol de Palhinha quase «em cima da hora», sentiram os corinthianos renascer as esperanças do time «mosqueteiro» repetir a façanha de dois anos antes, ou seja, 1977. E quando Biro Biro, num arremate desprezencioso, pegando «mais a canela» e menos de «peito de pé» fez a bola caminhar para as redes esmeraldinas, no segundo jogo disputado pelos antagonistas, começaram os corinthianos a sentir o gosto de um novo título, pois sabia-se que a Ponte Preta, apesar de toda a sua excelente campanha, dificilmente agüentaria o «peso» de uma disputa direta contra o Corinthians.

O que mostrou o alvinegro para ser campeão? Muita raça, forte espírito de luta e uma vontade incomum de vencer. Este foram os ingredientes usados pela equipe, tendo atrás de si um outro elemento (a torcida) que sabia como empurrar o quadro para a frente.

Foi, sem sombra de dúvida, a «Fiel» quem acabou pesando na balança. Apequenou o time da Ponte Preta. Nem se ouvia num estádio de cem mil pessoas, o incentivo dado pelos campineiros que acabaram se deslocando para São Paulo. A proporção era tão flagrante, desigual, que pode ser escrito, sem qualquer receio de erro, que 96 por cento da torcida que lotou o Morumbi nas partidas decisivas, era toda ela corinthiana. Isto pesou sobremaneira na balança. Embora no terreno de jogo, nos dois encontros levados a efeito, mostrasse o time campineiro muito mais acerto em suas linhas. Seu futebol, contudo, era muito cadenciado. Não era agressivo. O ataque não agia com a mesmíssima eficiência da defesa e meio de campo. Por isso, quando Palhinha fez o seu gol no primeiro encontro, a vantagem começou a perder para o Corinthians, embora no campo de jogo a «Veterana»



A euforia da torcida corintiana prolongou-se por toda uma semana e prosseguiu também durante o carnaval. No estádio de cem mil pessoas, pelo menos 96 mil almas torciam pelos cores do clube do Parque São Jorge. Foi a «Fiel» quem empurrou o time nos instantes difíceis

mostrasse equilíbrio de forças.

Depois da segunda partida, onde a agremiação de Campinas no terreno técnico foi nitidamente superior ao clube do Parque São Jorge, imprensa, rádio e televisão, começaram a encarar a possibilidade de um quarto jogo, admitindo até uma vitória da Ponte no jogo nº 3. Todavia, nessa terceira peleja o Corinthians foi um outro quadro. Ao invés de lutar pelo empate que lhe garantiria o título, o quadro foi para a frente, em busca do triúnfo e isto acabou tonteando o seu oponente. Do primeiro ao último minuto, o Campeão não deu chance ao seu adversário para se armar, para se compor ou levar o perigo à cidadela defendida pelo arqueiro Jairo.

Em compensação o Corinthians partia de maneira perigosa e agressiva contra a meta defendida por Carlos, mostrando virtudes que nos dois encontros anteriores ainda não havia revelado. Conseqüentemente, houve sem dúvida méritos para o clube presidido por Vicente Matheus chegar ao título. Não houve nada senão empanar o brilho do triúnfo corintiano. Nem dentro e nem fora do campo. Os gols foram conquistados da maneira limpa. Correta. Decente.

Assim, quando Romualdo Arppi Filho, um dos maiores apitadores do futebol brasileiro, deu por encerrada a contenda número três no Morumbi, a explosão de entusiasmo da torcida que lotava o estádio começou. As ruas da Capital já estavam apinhadas de carros com bandeiras do Alvinegro. O Carnaval em São Paulo era iniciado uma semana antes. As comemorações prosseguiram pela noite a dentro e o corintiano ria eufórico e satisfeito pela grande conquista.

Um triúnfo conquistado de maneira correta e limpa no campo de jogo, mas onde o seu grande res-

ponsável acabou sendo o presidente Vicente Matheus com duas jogadas que quase o levaram à saída do poder: a liminar garantindo o direito de o Corinthians não participar da rodada dupla, provocando com isto a paralisação do certame e a troca do técnico José Teixeira por Jorge Vieira, com vital importância para o triúnfo corintiano. Merecido, justo e indiscutível. Mas que teve o «gongo» da justiça para ajudá-lo.

Dentro da parte técnica é justo ressaltar-se a conduta da defesa corintiana. Uma retaguarda que estava «aceitando» alguns tentos incríveis e que, de repente, acabou sendo uma autêntica muralha. Em cinco jogos importantes e decisivos (dois contra o Palmeiras e três diate da Ponte) sofreu apenas um tento. Justamente no primeiro encontro eliminatório com o Palmeiras. Depois manteve-se invicta durante 360 minutos. Naturalmente a presença do garoto Mauro, ao lado do experiente Amaral e o extraordinário Vladimir deram ao sistema defensivo o poder que vinha sendo reclamado. Zé Maria, contundido, cedeu sua vaga para o garoto Luís Cláudio, que mostrou enormes virtudes, enquanto que no meio do campo, Caçapava foi sempre um «policia» pronto para impedir qualquer tentativa de «fuga» por aquele setor. Auxiliado pelo incansável Biro Biro, viu-se que o sistema defensivo, auxiliado pelo meio do campo, tornou-se verdadeiramente inexpugnável.

Do meio de campo para a frente o Corinthians nos dois primeiros encontros viveu mais da capacidade dos seus dois ponteiros — Piter e Romeu — já que Sócrates e Palhinha não conseguiram apresentar o futebol que ambos possuem. Só na partida final ressurgiu, para gaudío da torcida corintiana a «dupla de ouro». E foram dos pés de Sócrates e Palhinha, suas grandes figuras ofensivas, que acabaram surgindo os gols que garantiram a grande conquista.

# CHICÃO, VOCÊ DEIXOU SAUDADES

## UMA DESPEDIDA CARINHOSA DA TORCIDA

Durante um bom período o São Paulo FC alinhou em suas fileiras um jogador de muita raça, fibra, dedicação e que se constituiu em figura importante do onze tricolor: Francisco Avanzi Neto,

o popular Chicão. Um jogador que sabia empurrar o time para a frente. Um líder que sabia como comandar os seus companheiros. Um atleta sempre disposto a dar tudo de si em prol da sua agremiação. Infe-

lizmente, porém, não há jogador nem um atleta eterno. Os anos correm de maneira célere e vão pesando nos ombros de um profissional. Isto já ocorreu com os maiores astros de futebol e não podia deixar

de ocorrer também com Chicão. Embora ainda tenha bastante futebol pela frente, na remodelação que o tricolor está efetuando neste ano de 1980, algumas peças foram substituídas. Assim sendo, mais como um prêmio a um dos seus grandes valores (a proposta do Atlético Mineiro era excelente para Chicão) concordou o São Paulo em ceder o atestado liberatório daquele seu destacado valor ao «Galo», de Belo Horizonte.

Lá, ao lado de novos companheiros, poderá ainda conseguir grandes louros, enquanto que no terreno financeiro, acabou ganhando aquilo que de maneira alguma o São Paulo poderia lhe dar nestes próximos meses. A sua figura, no entanto, de maneira alguma foi esquecida pela torcida e até mesmo pela diretoria do «Mais Querido». Na oportunidade em que o craque se apresentou perante a torcida do São Paulo, pela primeira vez no Morumbi, torcida e diretoria do tricolor tributaram a homenagem que Chicão se fazia merecedor.

Além das faixas saudando o destacado jogador, no placar eletrônico também todos puderam ver a homenagem que o São Paulo estava prestando ao seu antigo e valoroso defensor. Acabou Chicão tendo o seu valor reconhecido pela diretoria (ofertou um distintivo de ouro com brilhantes) e, também, a carinhosa manifestação de apreço e carinho que toda a torcida lhe dedicou. Tudo por ser Chicão um profissional correto, digno, um homem de brio.



# PAULISTÃO FAZ O TORCED



Na gravura ao alto vemos o Sr. Henrique Bianzin dos Santos, portador do carnê nº 93.816-B, de «30.1.80, quando recebia das mãos do diretor do São Paulo FC, sr. Plínio Walder Prado, o chevette a que fez jus pois estava com a prestação do seu carnê inteiramente em dia. Residente na cidade de Cabreúva, no Estado de São Paulo, Henrique Bianzin, revelou: «Sempre comprei o carnê Paulistão, acreditando que um dia acabaria ganhando um prêmio. E a sorte esteve do meu lado».



Todo o dia de entrega de prêmios do carnê Paulistão, os dirigentes do tricolor prestigiam o narrador Peirão de Castro quando entrevistava os ganhadores. Na foto, os srs. Nelson Nicolau e Plínio Walder Prado, diretores do São Paulo FC.



Uma vista parcial do loja do Paulistão, à praça Júlio Mesquita, em São Paulo, vendo-se o locutor Peirão de Castro, da TV Gazeta, mostrando aos telespectadores daquela emissora os prêmios que estavam sendo distribuídos pelo carnê Paulistão

O adquirente do carnê «Paulistão», o que foi prometido para aquele que compra o carro ou um outro veículo motorizado, é o único carnê que «dá volta» a tudo o que é garantido. Sabemos, perfeitamente, ser este o único documento, ilustrando a entrega aos ganhadores, pois a verificação do Paulistão é facilmente verificada através de todos os clubes) a esta iniciativa.

No último mês muitos foram os prêmios distribuídos. Justamente por essa necessidade de ter o seu carnê em dia, sabe o concorrente que receber o prêmio a que fizer jus. Isso para bater à porta daquele que concorre.

As fotos que estampamos nestas páginas são uma comprovação do que é prometido pelo Paulistão. Poderia ser até bem mais simples: concorra ao Paulistão. Aproveite-a e pague em dia as prestações. No próximo número não estaremos apresentando a sua fotografia, recebendo o prêmio a que fizer jus.

# OR FELIZ COM OS PRÊMIOS



Paulistão, é sempre um motivo de festa para os acontecimentos. Na gravura vemos o destacado dirigente Lúcio Astolfo Araújo, vendo-se ainda os adesivos do tricolor do Morumbi



Outra Brasília entregue para um ganhador do carnê Paulistão. Trata-se do Sr. João de Souza Brito, também residente em Pariquera Açu, São Paulo, que foi contemplado no dia 19.1.80, com o carnê 09-862-B. O prêmio está sendo entregue pelo sr. Nelson Nicolau, diretor do São Paulo FC. A entrega dos prêmios parou quase todo o trânsito na praça Júlio Mesquita, em São Paulo, tal o interesse demonstrado por todos em conhecer de perto os ganhadores do carnê Paulistão

confia inteira e cegamente, em tudo emprou a «chance» de conseguir um Sabe, igualmente, que trata-se do foi gasto, tem sempre o seu retorno desnecessário mostrar aos milhares Paulistão, uma foto ou qualquer outro contemplados, pois a correção e lisura é o prêmio do prestígio dado pelos torcedores do São Paulo FC.

Prêmios entregues pelo Paulistão aos ganhadores. Por motivo voltamos a lembrar sempre a sorte. Pagando com pontualidade as parcelas que nenhum contratempo terá para pagar porque a sorte não tem dia ou hora para o sorteio.

As páginas, constituem apenas um ato de cumprimento pelo Paulistão. O lema é: quem correu, ganhou. A sorte é sua e não depende das casualidades do Paulistão. Quem sabe apresentando, por estas colunas uma vez, quem fez jus?



D. Rose Mz y Corrêa S. Miranda, ganhou uma Brasília modelo 1980, com o carnê nº 93-816-A em 30.1.80. Moradora em Pariquera Açu, São Paulo, ficou feliz em ter um carro dizendo que «será de muita utilidade para mim e toda a família». O dirigente são-paulino Lúcio Astolfo Araújo procedeu a entrega das chaves do carro que o Paulistão ofertou à feliz contemplada

# MOSCOU

## OS JOGOS PROIBIDOS

*Outra vez a disputa dos Jogos Olímpicos, voltam a polemizar o esporte mundial, revelando a parte política sempre odiada e contestada nessa competição. Uma disputa que sempre teve, por detrás dos bastidores, um enorme «boicote», duas grandes guerras, discriminação racial, numa demonstração clara de uma coisa: a Olimpíada que deverá ser essencialmente uma competição esportiva, de fraternidade entre os povos, continua provocando desavenças, animosidades, olhando-se mais para o «princípio da força» e não pela «força do esporte».*

*A decisão do governo dos Estados Unidos, impedindo a ida da representação norte-americana a Moscou, não foi revivida pelos soviéticos nos Jogos de Inverno, levados a efeito recentemente em Salt Lake, na América do Norte. Sempre foi a intenção do Barão de Coubertin, quando pela vez primeira em 1896 promoveu uma Olimpíada, reunir os povos, numa competição esportiva, sem qualquer outro objetivo. Embora uma frase sua tenha merecido a medalha de ouro, pelo seu grande conteúdo, nem assim, em todas as disputas até hoje levadas a efeito, deixou de haver questões políticas, envolvendo países dos vários cantos do mundo. A frase: «O ESPORTE, TU ÉS A PAZ. TU ESTABELECES UMA RELAÇÃO SERÊ-*

*NA E AVIZINHAS OS POVOS NO CULTO DA FORÇA CONTROLADA, ORGANIZADA E SENHORA DE SI». Linda, sem dúvida, no papel, mas sempre contestada pela beligerância havida em todos os sentidos.*

**ATENAS—1896** — No seu primeiro ano de competição, levada a efeito na Grécia, a Olimpíada criada por Coubertin, cujo escopo era o de reunir os povos, teve logo de início um «caso político» entre a Boemia e a Hungria. Duas nações que politicamente não se «entendiam» porque faziam parte do Império Austro-Húngaro. Se a questão da Áustria não bastasse surgiram

complicações Internas na própria Grécia. O chefe do Governo Grego (Trocupis) era contrário a idéia, por questões de caráter econômico. Trocupis em sinal de protesto pelos jogos Olímpicos realizados em Atenas, saiu «de férias pela Costa Azul». Não chegou a retornar ao seu país pois acabou morrendo em Nice, cidade francesa.

**PARIS—1900** — Embora sob o ponto de vista de «organização» o êxito alcançado tenha sido fabuloso, novamente a política acabou interferindo na competição. O «affaire» Dreyfus, que estourou na ocasião, a revolta dos «boxers», acabaram mostrando outra vez a «política no esporte», sempre com prejuízos terríveis. Foi a primeira vez que a Olimpíada contou com a participação de

mulheres, mas com o protesto de uma senhora — Alice Cooper — contra a presença do sexo feminino nos Jogos Olímpicos.

**SAINT LOUIS—1904** — Os jogos em princípio estavam marcados para Chicago. Diante da briga interna surgida nos Estados Unidos e aproveitando o entusiasmo que estava merecendo a «Louisiana Purchase Exposition», acabou a cidade de Saint Louis promovendo a disputa. Esportivamente a competição foi a melhor até então levada a efeito, surgindo no entanto, o primeiro protesto sobre a política racial que mais tarde viria a ser sentido de maneira mais intensa nos Jogos Olímpicos.

**LONDRES—1908** — A política teve influência direta nesta competição. Como já havia o caso da Boemia com a Hungria, outros casos de nações, politicamente independentes surgiram. A Finlândia, que havia deixado a órbita do império soviético; A Irlanda (àquela época unida politicamente à Grã Bretanha), foram os principais. A Rússia não permitiu que os finlandeses inaugurassem sua bandeira, enquanto os britânicos não queriam os irlandeses empunhando sua bandeira. Essa «rivalidade» acabou afetando a própria representação norte-americana com alguns de seus atletas de origem irlandesa...

**ESTOCOLMO—1912** — Foi, sem dúvida alguma, a Olimpíada que trouxe o melhor espírito olímpico apregoado por Coubertin. A Áustria teve que aceitar a presença da Boemia e Hungria e a Rússia não pôde manifestar-se de maneira alguma contra a Finlândia. A própria Inglaterra acabou contando com os atletas da Irlanda.

A GUERRA impediu que fosse levada a efeito a Olimpíada de 1916, em princípio marcada para Berlim, o mesmo ocorrendo nos anos de 40 e 44, embora gestões tivessem sido feitas para que os Jogos Olímpicos de 1940 fossem levados a efeito em Tóquio, capital do Japão.



Na gravura ao alto uma fase da «jornada antropológica». À esquerda o destacado atleta Paavo Nurmi que foi acusado de profissionalismo, em uma Olimpíada onde se distinguia bastante o atleta amador, impedindo que este não pudesse ter um prêmio superior a uma determinada importância em dinheiro. Logo à direita Adolfo Hitler quando procedia a inauguração dos Jogos de Berlim, em 1936, quando esperava premiar o maior número possível de atletas de seu país, acreditando que com isto pudesse mostrar ao mundo o poder da raça ariana. Como um negro norte-americano (Jesse Owens) desmanchou os seus planos ele deixou o estádio sem cumprimentar o ganhador.



Os selos que simbolizaram todas as olimpíadas realizadas até o dia de hoje. Desde 1896 até 1976. E o de 1980 como será?

**ANVERS—1920** — Com as cicatrizes da guerra envolvendo o mundo, Anvers não poderia reunir dois países litigantes (Alemanha e Áustria) sobre as quais recaiam todas as culpas da I Grande Guerra. Mais maduro e terrivelmente inflexível, o Barão de Coubertin, vendo que as coisas não seriam decididas de maneira diplomática colocou de lado os dois países em litígio.

**PARIS—1924** — A «segunda edição dos jogos parisienses» resultou na determinação de Coubertin, tentando apagar, inclusive a má impressão havida quando dos anos de 1900. A Alemanha continuou do lado de fora, embora a França tivesse tropas na Bacia do Ruhr, na Alemanha...

**DUAS OLIMPIADAS TRANQUILAS** — Foram sem dúvida as de 1928 (Amsterdan) e 1932 (Los Angeles). Todavia, não passaram sem os seus «pequenos casos». Depois da Olimpíada de Amsterdan, Mussolínio que começava a ver no meio esportivo uma forma de projetar-se, eliminou do esporte o chefe da delegação italiana Lando Ferreti. Na de Los Angeles a acusação de profissionais a dois grandes

campeões: o francês Jules Ladomégue e o atleta finlandês, Paavo Nurmi.

**BERLIM—1936** — Foi o grande momento político de Adolfo Hitler lançar seu nome no mundo inteiro. Os germânicos haviam preparado um atleta para demonstrar a pureza da raça ariana (Luz Long). Hitler já havia se manifestado contra a cor preta no distintivo olímpico, mostrando os primeiros e graves indícios do problema racial. O destino, no entanto, conspirou contra Hitler, pois o negro norte-americano Jesse Owens, de Alabama, conquistou quatro medalhas de ouro: 100 e 200 metros; revezamento 4 X 100 e no salto em distância. Hitler preferiu abandonar o recinto do que ver premiado um atleta negro.

**LONDRES—1948** — Foi a primeira Olimpíada levada a efeito após a II Grande Guerra. Era evidente a «guerra fria» observada. Os soviéticos, afastados da competição desde 1919, procuraram fazer tudo para impedir a presença de alguns de seus «aliados» mas a verdade é que a Iugoslávia, Hungria, Polônia e Checoslováquia, participaram da competição. Alemanha e

Japão, que haviam saído de dois conflitos terríveis não «receberam convite» para participar da Olimpíada.

**HELSINQUE—1952** — Foi disputada debaixo de autêntica «guerra fria» por parte de norte-americanos e soviéticos. Marcou a volta (após 40 anos) da União Soviética. Dentro dos problemas havidos com alemães e japoneses (que não foram poucos) surgiu também o de Formosa, representando a China Nacionalista, que continuava a proclamar-se a representante de toda a China ocupada por Mao.

**MELBOURNE—1956** — Nos jogos Olímpicos levados a efeito na Austrália a política internacional abateu-se sobre os mesmos como um autêntico cataclisma. Sob a vigília dos jogos «estouraram» duas grandes crises: a da ocupação do Canal de Suez, com as presenças de tropas francesas e inglesas, com a sustentação de Israel depois da nacionalização do Canal da parte do Egito, de Nasser e pela revolta da Hungria contra a Intervenção de carros blindados da União Soviética. A crise de Suez gerou uma grave tensão provocada pelo protesto do Egito

que, apoiado pelo Líbano e Iraque, queriam as exclusões da França, Israel e Inglaterra, da Olimpíada. Por causa da questão da Hungria retiraram-se dos jogos Espanha, Holanda e Suíça. Por seu lado, a China Popular condicionou novamente sua presença à exclusão da China Nacionalista. A Hungria compareceu a Melbourne com alguns de seus principais atletas apoiada na parte financeira pela revista francesa «L'Equipe». Mas, a partida URSS-Ungria (4 X 0) foi de uma dureza sem igual na história do futebol olímpico. Uma autêntica «guerra». As duas Alemanha se apresentaram sob uma mesma bandeira e um mesmo Hino. Dentro de toda essa crise, um caso amoroso que provocou celeuma mundial: o arremessador de marteço Harold Connoly (norte-americano) com a lançadora de disco Olga Fikotova (soviética).

Esbarrraram também os promotores dos Jogos Olímpicos, na Austrália com um outro problema: a presença dos cavalos de competição. Sem uma antecipação de 180 dias, para evitar qualquer contaminação perigosa com os animais

daquele País, o que seria bastante perigoso, não foram admitidos. Assim foram os agitados Jogos Olímpicos de Melbourne, na Austrália.

**ROMA—1960** — Finalmente depois de tanta desdita puderam os italianos promover uma Olimpíada. A China Popular que dois anos antes havia ganhado no COI o direito de se fazer representar nos Jogos Olímpicos, pois mostrou ser um País de 800 milhões de habitantes, contestou violentamente o direito de Formosa (um centro da China livre) representar toda a China. Diante do argumento, o COI

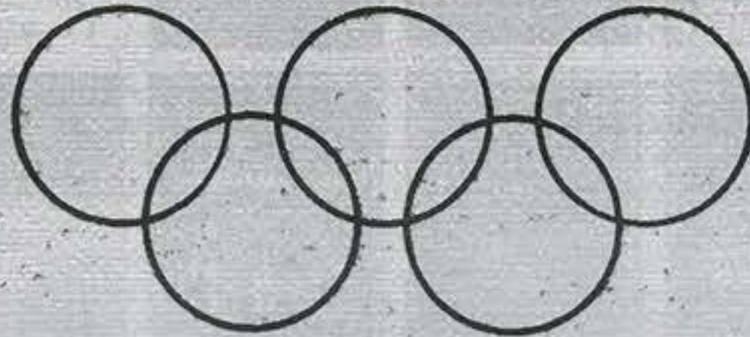
não teve outra saída e permitiu à China Nacionalista o direito de se fazer representar com outro nome. Houve um grande protesto dos Estados Unidos e a situação acabou sendo resolvida com a apresentação da China Nacionalista se fazer representar com o nome de «Taiwan».

**TÓQUIO—1964** — O problema político observado nos Jogos Olímpicos do Japão foram provocados pela Coreia do Norte, Indonésia e África do Sul. Nenhum dos países participou. A Coreia do Norte pela forma contrária da presença de atletas que haviam

participado de películas; a Indonésia se voltando contra a organização internacional dos Jogos e a África do Sul, por uma questão social.

**MÉXICO—1968** — A cidade azteca foi sacudida por dois acontecimentos violentos. No dia 03 de outubro a cidade do México ficou tensa. Justamente no dia do início da competição, com um choque violento entre os manifestantes contra o Governo e a Polícia. Foi um massacre. Um morto e dezenas de feridos foi o triste balanço do litígio na «Praça das 3 Culturas». Aparentemente tudo nada tinha a ver

com os Jogos Olímpicos. Todavia, o ambiente de tensão foi terrível. Quizeram os manifestantes, na oportunidade, mostrar aos olhos do Mundo a situação em que se encontrava o seu país. E aproveitaram tal coisa com a realização da Olimpíada. O Partido Comunista Italiano, tomando conhecimento do assunto, revoltou-se contra a presença italiana na competição, propondo um «boicote» à mesma. Por outro lado sugiu (outra vez) o problema racial provocado pela África do Sul. Todavia, foi na própria cidade do México que dois atletas negros norte-ame-



A esquerda a premiação dos atletas norte-americanos que desceram do pódium quando era tocado o Hino Nacional de seu país e em sinal de protesto contra o racismo ergueram os dois punhos. À direita os israelenses quando dos tristes acontecimentos de Munique



*O Estádio «Lenin» em Moscou, onde serão disputados os Jogos Olímpicos de 1980*

ricanos (Tommie Smith e John Carlos), respectivamente primeiro e terço nos 200 metros, saltaram do «pódio» com as duas mãos erguidas em sinal de protesto contra o preconceito racial, no exato momento em que estava sendo executado o Hino Nacional do seu País...

**MUNIQUE—1972** — Foi, talvez, a Olimpíada mais trágica de toda a sua longa história. Nesta oportunidade o sangue, a violência e o «famoso jogo político», não se limitaram a aparecer na fase preparatória dos Jogos, com a costumeira manifestação política, mas introduziu-se de forma trágica nos Jogos Olímpicos. Na madrugada de 5 de setembro, apesar da forte vigilância que os alemães haviam imposto, um comando de oito palestinos penetrou na Vila Olímpica, introduzindo-se no local onde se encontravam os representantes de Israel. O comando eliminou de pronto dois atletas (Moshe Weinberg e Joseph Romani) que ofereceram resistência quando o grupo surgiu. Organizaram uma barricada no edifício que serviu para mostrar que os árabes estavam preparados, pois estavam com nove reféns israelenses. A organização denominada «Setembro Negro» e que se responsabilizou

pelo ato de vandalismo, pretendia em troca da libertação dos reféns em seu poder a libertação de 200 detentos palestinos que se encontravam nas cadeias de Tel Aviv e três outros presos no Cairo. Israel não aceitou qualquer imposição. Rejeitou a proposta e pediu a imediata suspensão dos Jogos. Todavia, o Comitê Olímpico Internacional salientou que somente ao Governo Alemão poderia permitir a suspensão dos Jogos. Os Alemães, entretanto, dizendo aceitar a troca rechaçaram os árabes organizando um grande aparato bélico no aeroporto. Na contenda morreram os nove reféns, cinco palestinos, um policial alemão, tendo sido três guerrilheiros palestinos capturados. Israel três dias depois, em represália bombardeou o acampamento palestino na Síria e falou-se na oportunidade, que 200 pessoas ali morreram. O choque foi tremendo em todo o Mundo em face de haver tudo acontecido debaixo dos olhos dos organizadores da competição. Paralelamente surgiu o problema racista da Rodésia. O Comitê Olímpico antes de submeter-se às imposições do país africano, na questão racial, fez representar nas exéquias com uma equipe formada por brancos e negros, com a bandeira e

passaportes ingleses. Os países africanos Cuba, União Soviética, os países do leste, ameaçaram total «boicote» aos Jogos se a proposta rodésiana fosse vitoriosa. Assim a Rodésia ficou do lado de fora da competição.

**MONTREAL—1976** — Os Jogos Olímpicos canadenses foi o primeiro sinal de «boicote» a ameaçar terrivelmente a Olimpíada. Assim é que os países africanos como a Tanzânia, Swaziland, República Centro Africana, Congo, Argélia, Zâmbia, Etiópia, Ghana, Líbia, Uganda, Nigéria, Sudan, Ciad, Togo, Alto Volta, Gâmbia, Gabon, Malawi, Mauritius, Somália, Zaire, Camerun, Guyana, Kenya, Mália e Iraque, foram protagonistas desse precedente. Somente o Senegal e a Costa do Marfim, foram as nações do continente negro que participaram dos jogos de Montreal. Os motivos? Os africanos pretendiam a exclusão da Olimpíada da Nova Zelândia, considerado um país racista, porque ali surgiu uma lenda: «Fora Blacks» quando um «ás» negro do rugby fez uma excursão pela África do Sul. Todavia, o problema racial alcançou imensas dimensões. Um outro «pequeno incidente» ocorreu quando o primeiro ministro Canadense Trudeau,

bloqueou no seu país a entrada de atletas de Formosa, sempre em virtude da questão levantada entre as duas Chinas: a Popular e a Nacionalista. Os Estados Unidos, embora contra o Governo Chinês, protestaram.

**MOSCOU—1980** — A ameaça de «boicote» proposto por Carter torna a Olimpíada de Moscou um grave problema. É sem dúvida a primeira vez que isto ocorre durante uma preparação dos Jogos Olímpicos. A questão está deixando os soviéticos um pouco preocupados e o problema das Chinas também deve estar «abalando» um pouco Moscou. Para não se falar, igualmente, no que diz respeito à Rodésia e também à África do Sul. E tudo isto vem de encontro a uma frase profética do Barão de Coubertin, contida no Boletim do Comitê Olímpico Internacional quando diz: O ESPORTE SE PODE USAR PARA CONSOLIDAR A PAZ E TAMBÉM PARA PREPARAR A GUERRA.

O que virá pela frente para a realização dos Jogos Olímpicos de Moscou? Difícil. Muito difícil responder a esta altura dos acontecimentos. Mas que deixou de ser uma competição esportiva para se transformar numa perigosa arma de guerra, isso nem se discute.

Depois do vexame da equipe brasileira no pré-olímpico...



TeLê iniciou suas atividades na Confederação Brasileira de Futebol em março. É um nome aplaudido por quatro grandes Estados do país. Se isto não bastasse é preciso dizer que é «do ramo» e conhece o futebol de maneira profunda e não por teoria. Transmite o que sabe e não o que ouviu dizer...

## TELÊ E A ESPERANÇA DE DIAS MELHORES PARA NOSSA SELEÇÃO

A década de 70, com um início dos mais festivos para o futebol brasileiro, quando o Brasil chegou à conquista do seu terceiro título mundial em gramados mexicanos, teve um fim triste e melancólico. Os erros administrativos, somados à incompetência na parte técnica, sem um treinador de capacidade para dirigir a seleção brasileira, fizeram com que os cinco últimos anos se constituíssem em autêntico pesadelo para os torcedores em geral. Depois do fracasso de 74, veio a tristeza de 78 e nem mesmo a nova geração, onde existem bons jogadores, escapou a um vexame. Sob as ordens de Brandão, cuja capacidade técnica é indiscutível, a Seleção conquistou um valioso troféu: o bicentenário dos Estados Unidos. Foi preciso, ainda, que o conhecido treinador corresse em auxílio de Zizinho, nos Jogos Pan-Americanos do México, para o Brasil «dividir» o título de futebol com os promotores da competição. Sob a direção de Mário Travaglini a equipe de jovens do Brasil logrou o bicampeonato em Porto Rico, nos Jogos Pan-Americanos.

O resto foi sempre decepção. Uma após outra. Indicações erradas de treinadores, como foram os casos de Cláudio Coutinho, quando existia um Rubens Minelli; de Jayme Valente, quando o homem indicado era Travaglini, fizeram o Brasil regredir em todos os sentidos no terreno internacional. O prestígio conquistado com muito sacrifício, foi jogado pela janela, com explicações erradas e comprometedoras.

Preferiu-se colocar o futebol numa «redoma política», com um certame brasileiro deficitário e ruím, sem olharmos para o

terreno internacional, onde o Brasil sempre foi um país altamente cotado e prestigiado. A falta de confrontos com equipes estrangeiras de categoria reduziram à impotência o valor do profissional brasileiro e em cinquenta ou mais nomes dos maiores futebolistas da atualidade, no mundo inteiro, apenas três dos nossos tiveram os seus nomes focalizados. E, é melhor esclarecer, sem se constituir qualquer um deles, no grande craque aplaudido por milhões de brasileiros.

A remodelação imposta no futebol brasileiro estava se tornando imperiosa em todos os sentidos. Não só na cúpula administrativa, como, igualmente, no âmbito geral. A transformação da CBD em CBF, dentro do ponto-de-vista geral, não poderia jamais se constituir numa pura mudança de sigla. Era preciso modificar a mentalidade retrógrada de alguns dirigentes. Voltar a colocar o Brasil em nível internacional aos centros mais adiantados. Mostrar ao mundo que o nosso futebol não regrediu e que continuamos formando craques, autênticos astros, iguais aos de antigamente, cuja evolução perante aos olhos dos demais desportistas somente não se concretizara em consequência da preocupação política do ex-presidente da «falecida» CBD, em contentar Deputados, Prefeitos e Vereadores, numa disputa falha como vinha sendo o Campeonato Brasileiro. Um autêntico certame «fantasma».

Forçosa e inexoravelmente essa transformação tinha que atingir o futebol e, conseqüentemente, a seleção brasileira. Era preciso tirar o teórico, falante, bem instruído Cláudio Coutinho

do posto, pois «não sendo do ramo», jamais poderia ter condições de dirigir atletas do gabarito que o Brasil possui. Tínhamos, numa expressão bastante simples, boa carne, mas não sabíamos preparar um churrasco especial. A qualidade do feijão era excelente, mas a feijoada saía aguada. As virtudes dos craques, perdiam-se diante de explicações incompreensíveis de um quadro negro, onde o «falatório», ao invés de ajudar o futebolista a entender, acabava dificultando a compreensão. E, nenhum título «moral» representa o primeiro lugar para o povo. Foi uma expressão de engodo. De fracasso.

Daí os aplausos que teve a indicação de Telê Santana para responder, de primeiro de março último (e se for possível até a Copa da Espanha) pela seleção Brasileira. Não só a de profissionais como também outras que vierem a ser formadas. Telê, cujas virtudes como futebolista o Brasil inteiro aplaudiu, foi um nome que teve ampla receptividade em todo o País. Sendo mineiro, é benquisto pelos seus. «Diplomando-se» em futebol, no Rio de Janeiro, onde foi várias vezes campeão pelo Fluminense e também tendo dirigido equipes da Guanabara, acabou sendo olhado com respeito por parte da crônica esportiva do Rio. À exceção, é claro, das «comadres» de Coutinho que pretendiam continuar vendo este à testa do time brasileiro.

Tendo trabalhado no Rio Grande do Sul, conduzindo o Grêmio à conquista do título de campeão do Estado, tornou-se uma figura simpática aos críticos esportistas gaúchos que passaram a admirar e a aplaudir o seu desempenho. Fato idêntico ocorreu em São Paulo, quando permaneceu à testa do Palmeiras, fazendo com que o clube do Parque Antartica atravessasse um dos melhores períodos de toda a sua gloriosa história. Portanto, Telê catalizava os aplausos de quatro dos mais respeitados Estados do Brasil. Os maiores críticos conhecem de perto o seu trabalho e este profundamente os jogadores que viu em ação durante um largo período.

Telê começou a ver tudo de perto já em março. Sua determinação é uma só: escolher craques que se amoldam à sua forma de trabalho. Havendo ainda três anos para a Copa da Espanha e um pouco mais de um ano para o Brasil decidir com Venezuela e Bolívia sua participação nas Eliminatórias, terá o competente treinador tempo de trabalhar à vontade. Poderá em junho observar a Copa da Europa, onde as maiores seleções do Velho Mundo estarão lutando em Milão, Nápoles e Roma.

Paralelamente o futebol brasileiro vai manter um intercâmbio inter-clubes e inter-seleções com os maiores conjuntos do Mundo. Isso servirá para aquilatar a verdadeira potencialidade do futebol brasileiro e dará a Telê um campo amplo de observações para saber, muito antes do tempo, quem é quem no campo de jogo. Por um fato fácil de ser explicado: Quem esteve lá dentro e conhece todos os segredos, sabe dizer quem é bom.

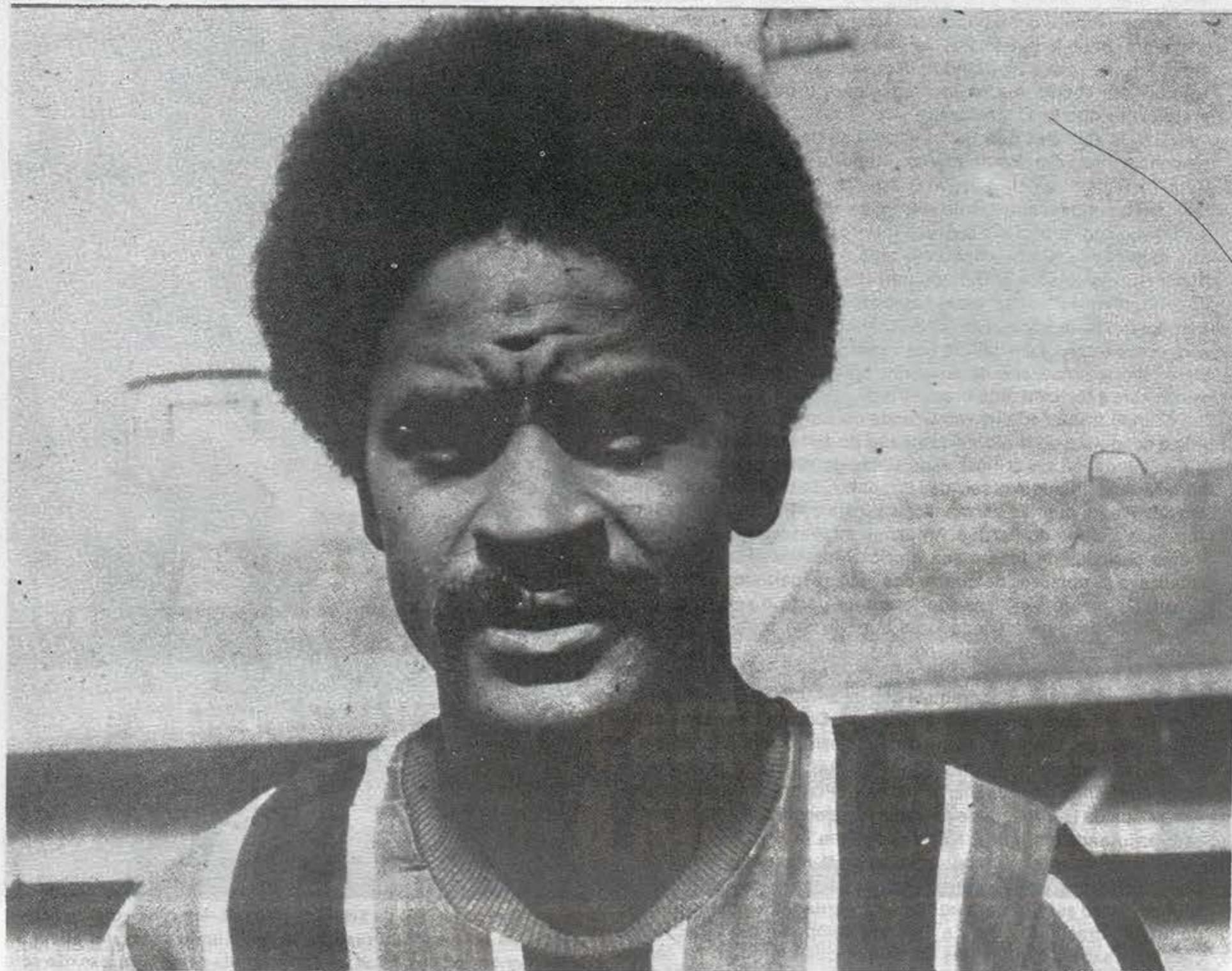


O novo técnico da Seleção do Brasil tem condições de bater bem na bola e saber quais as razões que levaram um atleta a perder um gol ou passar uma bola erradamente. Por isso não se acanha em enfrentar os jogadores e mostrar o que ainda sabe fazer com a bola. O que não acontecia com o antigo treinador...



Sendo também o responsável pelos quadros de «Juniors» do Brasil, o técnico Telê poderá muito bem separar valores que prometem e não entregar um material de primeira nas mãos de figuras incompetentes como aconteceu no torneio pré-olímpico da Colômbia

# ASSIS UM "CORINGA" DE RESPEITO



Foi sem muito alarme, mas com muita eficiência, que o São Paulo conseguiu trazer o jogador Assis, da Francana. Muita gente que torce para o «Mais Querido» nem conhecia direito o destacado valor. Lembramos, aliás, que certa vez, conversando com o então presidente do Conselho Nacional de Desportos, Dr. Giulite Coutinho, dissemos àquela autoridade que se o América FC, do Rio de Janeiro, estava procurando dois grandes valores para a frente e meio de campo, poderia ir buscar em Franca valores de extraordinária capacidade que de maneira alguma iriam decepcionar: Delem e Assis. O primeiro já havia sido negociado e o segundo foi trazido pelo São Paulo.

Não é preciso dizer que se trata de um craque. Atua indistintamente no meio campo, na ponta ou ainda «cai» da maneira, no comando do ataque. Diremos, sem qualquer receio de cometer um engano, ser Assis um verdadeiro «coringa». Tudo que ele faz o faz consciente de suas possibilidades e do seu

indiscutível valor. Nas primeiras partidas do ano foi o que mais chegou às redes adversárias, embora nem sempre jogando «plantado» lá na frente. Conseguiu ganhar os aplausos da crítica esportiva paulista em seus primeiros treinos e nos jogos soube confirmar plenamente suas virtudes.

Foi, sem sombra de dúvida, uma das melhores aquisições feitas pelo clube do Morumbi e hoje já pode ser olhado e encarado como um dos grandes vultos do São Paulo para a temporada de 1980. Assis soube confirmar tudo o que dele se esperava e não se espantem se conseguir, inclusive, «roubar» a posição de Serginho, que é um destaque do tricolor mas que não parece inclinado a continuar defendendo as cores do «Mais Querido». Aliás, depois de junho, tão logo termine o Campeonato Brasileiro, já se adianta que Serginho está com sua saída mais do que certa do clube do Morumbi. E Assis não quer perder a oportunidade para se transformar no novo «homem-gol» do São Paulo FC.

# DIVERSÃO

UMA PAGINA DE DON OSCAR



- Sou uma pessoa que deve muito a uma mulher.
- Ao grande amor da sua vida?
- Não, à dona da pensão onde moro.

## PENSAMENTO

Não é amigo aquele que alardeia a amizade; é traficante; a amizade sente-se, não se diz.

## O JOGO DAS SETE DIFERENÇAS

## CURIOSIDADES

O papel moeda surgiu na China no século VIII. Atribui-se ao imperador Hian-Tsung, que viveu no ano 800 da era cristã, a invenção.

O uso da gravata teve origem na corte luxuosa de Luis XIV

Salomé, a famosa bailarina foi a mulher a quem Herodes, no dia de seu aniversário natalício, ofereceu a cabeça de São João Batista.

O mais antigo periódico da França, «La Gazette», de Renaudot, médico, apareceu no dia 1º de Janeiro de 1631.

A Baleia é o maior de todos os animais do globo. O colosal mamífero mede, no máximo, 20 metros de comprimento com 10 a 13 de circunferência junto das barbatanas peitorais, a tem um peso de 160.000 quilos, o que representa 30 elefantes ou 10 rinocerontes ou 200 touros. Mais de duas centenas de porte regular têm peso inferior ao de uma baleia comum. A conhecida pelo nome de baleia azul é a maior de todas; chega a pesar cerca de 200.000 quilos e atinge em média, 30 metros de comprimento. No estreito de Behring, foi encontrado um exemplar que media mais de 37 metros de comprimento.

## ADAGIO

Mulher  
que nas juras de  
homem se fia,  
chora de noite  
e de dia.



Não é por mim,  
é pelas crianças  
que insistem em  
ver estas bobagens.





S.P.F.C.

BEBA

**DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM**  
**MICHAEL SERRA**

**ARQUIVO HISTÓRICO DO**  
**SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**  
**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**